

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Letras e Política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*. Curitiba: Editora UFPR, 2013. 542 p.

Mônica Helena Harrich Silva Goulart<sup>1</sup>

- Enviado em 31/01/2016
- Aprovado em 23/04/2016

Fruto da tese de doutorado defendida pela socióloga Maria Tarcisa Silva Bega, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP em 2001, *Letras e Política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*, publicado pela Editora da UFPR em 2013 e lançado em 2014, configura-se como uma obra de diversas possibilidades de leitura e interesses. Concomitantemente, pode ser lida a partir de uma discussão de cunho eminentemente literário acerca do movimento simbolista desenvolvido no Brasil, sobretudo no Paraná, ao final do Império e início da República Velha. Mas, a abordagem desenvolvida pela autora prima por apresentar de forma precisa e significativamente detalhada o contexto social, político e econômico que marcou o período de transição de regime político enfatizado acima. Conquanto, abre-se também possibilidades de se remeter a uma reflexão a respeito dos agentes sociais que participaram das transformações culturais que ocorreram no período mencionado.

Contudo, absorvendo as possibilidades elencadas anteriormente, ressalta-se nas páginas iniciais que a tônica apresentada acerca do simbolismo paranaense englobou uma série de fatores que devem ser levados em conta para compreensão do impacto e relevância que o movimento assumiu não só no Brasil, mas principalmente nas terras paranaenses, sendo conduzido por meio de indivíduos extremamente comprometidos com suas causas, como se momentaneamente suas penas

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento Acadêmico de Estudos Sociais (DAESO), Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Pós-doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Paraná - UFPR. Endereço eletrônico: mharrich@uol.com.br/ mhasilva@utfpr.edu.br.

fossem substituídas por espadas. Isso não pressupõe que o grupo de simbolistas que se firmou no Paraná teve condições de sobreviver economicamente das atividades decorrentes de suas vocações literárias, assim como não foi um grupo hegemônico do ponto de vista do talento literário, das motivações pessoais e, tão menos, quanto a origem social. Ao contrário, Maria Tarcisa sinaliza que o campo literário paranaense, mais do que o nacional, estava em processo de institucionalização e, portanto, o vínculo de seus agentes com outros campos ainda se fazia presente. Nesse sentido, a incorporação de poetas no campo político como deputados estaduais à ALEP, ao Congresso Nacional como deputados federais, no Judiciário e também em muitos cargos do Executivo era destaque, demarcando a inexistência de autonomia do campo literário em função da supremacia do campo político (que também no caso do Paraná, ainda não havia concretizado significativa autonomia conforme requer a força e importância deste espaço, demarcado por lutas e interesses bem precisos).

No que diz respeito à divisão interna, o texto apresenta seis capítulos, cujas temáticas abordadas são: Cap. 1 - A terra do futuro; Cap. 2 - O simbolismo como movimento literário; Cap. 3 - Emergência da poesia simbolista; Cap. 4 - Escritores e militantes anticlericais; Cap. 5 - A institucionalização da literatura; Cap. 6 - Das batalhas à conciliação de tendências. Quanto à perspectiva teórica que fundamenta a reflexão, assenta-se fundamentalmente nos conceitos de Bourdieu de campo, habitus, jogo e capitais. Para conduzir a apreciação em relação à coesão e diversidade interna do grupo, temporalmente e por meios da partilha de experiências comuns, utiliza-se do conceito de gerações de Karl Mannheim e, simultaneamente, toma o conceito de configurações, de Norbet Elias, para pensar a respeito do entrecruzamento das biografias e trajetórias profissionais individuais em meio ao desenvolvimento do grupo.

A obra é marcada por notável fôlego de pesquisa empírica ao apresentar a trajetória dos agentes sociais envolvidos no movimento simbolista, suas produções em fontes variadas como jornais, revistas, livretos e as obras publicadas pelos literários, propriamente ditas. Assim, ao apresentar os poemas, em sua íntegra, quando parte deles eram citados no corpo do texto, permite-se um mergulho no pensamento simbolista que permeava Curitiba no final do século XIX e início do século XX. O entrelaçamento de análise da temática essencial e dos assuntos correlatos, mas não menos irrelevantes, aparecem desde o primeiro capítulo e se encerram na conclusão, quando ainda novas questões são propostas.

Em linhas gerais, a análise se inicia com apresentação do Paraná, mais especificamente de Curitiba, enquanto terreno fértil onde as ideias do futuro grupo simbolista e suas propostas de estilo de vida irão brotar e se disseminar. Dessa forma, o retrato do ambiente paranaense e curitibano se inicia com os aspectos que promovem a emancipação da Província, também sinaliza as relações de trabalho no setor ervateiro (vigente primeiramente no litoral paranaense, mas aos poucos acaba subindo a Serra do Mar) mantida pela mão de obra escrava e pelo trabalho livre, uma vez que também cita a decadência da economia proveniente da grande propriedade (pecuária) presente nos campos gerais em processo de decadência. É, portanto, num contexto de fortalecimento da economia ervateira, do início da dinâmica da imigração (que procura delimitar seus espaços e incide influência em alguns aspectos, por meio de seus conhecimentos) e o difícil convívio entre estrangeiros e nativos, do incipiente processo de urbanização e modernização de Curitiba, das discussões acerca da escravidão e da mudança de regime que se desenvolve o processo de socialização da geração de poetas simbolistas, haja vista que muitos estudaram no Ginásio Paranaense e Parthenon, tiveram acesso aos mesmo professores, pertenceram e frequentaram os mesmos espaços sociais, aspectos os quais os definiram como a primeira geração de literatos do Paraná.

No que concerne as principais características, o simbolismo é definido como corrente literária marcada pela poesia com musicalidade, aliterações e sinestesia, num misto de sentimento decadentista e sobremodo profano quanto aos símbolos religiosos, além de expressar de forma subjetiva os meandros do inconsciente, da ilusão, do mistério, do impreciso, do sobrenatural. Do ponto de vista dos precursores, Bega destaca o significativo papel do mecenato e do jornalismo militante, temática que perpassa toda a obra quando ocorre o acirramento na luta contra o clero regional. Nesse sentido, a maior representação de espírito mecenático (atividade que posteriormente será seguida por seus sobrinhos Leôncio e Leocádio) é Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. Detentor de capital econômico e político, apoiará os ideais do abolicionismo e financiará o movimento republicano através de recursos à criação dos Clubes e jornais que propagarão tais princípios, além do incentivo à criação de espaços nos quais serão ocupados pelos simbolistas. Sua biografia é tratada minuciosamente em relação ao contexto, fato que possibilita o entendimento de anos mais tarde, a política paranaense estar centralizada nas mãos de seu oponente, Vicente Machado.

A Revolução Federalista torna-se marco no movimento simbolista uma vez que os literatos, por meio de seus vínculos políticos (e partidários) e apoios financeiros, precisem tomar posição, demarcando o momento no qual companheiros do mesmo ideal literário se tornam opositores. Nesse sentido, até mesmo pela posição situacionista da política paranaense em relação à nacional, compreende-se que a maioria dos poetas se colocaram ao lado de Floriano e, portanto, no plano local, ao lado de Vicente Machado. Embora um dos lemas defendidos pelo “núcleo duro” do grupo fosse o não envolvimento com partidos políticos, os laços de amizade e de convívio como mecenato e a ocupação de determinados cargos de nomeação sinalizam eficazmente o vínculo com o grupo vicentista, do Partido Republicano Federal. Até mesmo Emiliano Pernetta exercera alto cargo administrativo (próximo a uma secretaria de governo) no início da República quando Vicente Machado organiza o estado, meses após a Proclamação da República. Em contrapartida, no ano de 1899 o mesmo poeta oferece ao então líder político o poema *Pela Minha Dama*, publicado na capa do Jornal *A República*. (GOULART, 2008)

No que diz respeito ao jornalismo militante, Rocha Pombo (que mais tarde será o historiador oficial da República), também vinculado à política, será o agregador e divulgador do ideário simbolista, juntamente com Euzébio da Motta e Justiniano de Mello e Silva, sinalizam os temas pertinentes que serão base para o pensamento simbolista: o valor da ciência, da racionalidade e do liberalismo.

A longa duração do simbolismo no Paraná se deve ao direcionamento do grupo ao se organizar na luta do anticlericalismo. Este aspecto leva a compreensão do simbolismo paranaense (além de pertencer ao polo dominado no campo literário nacional) não ter o reconhecimento de seus pares no plano nacional porque suas motivações estavam além da questão literária, travando embates de ordem prática. Os aspectos do mundo real faziam parte de suas preocupações, não objetivando somente o enriquecimento do mundo das artes com sua “opção de estética pelas coisas do espírito”, tal qual Cruz e Souza e Alphonsus Guimarães promovem como simbolistas reconhecidos na capital. Se o “núcleo duro” do simbolismo paranaense, formado por Emiliano Pernetta (ovacionado Príncipe dos Poetas Paranaenses em 1911), Dario Vellozo e Silveira Netto, fora “humanizado pelas polêmicas extraliterárias”, assim como os poetas “menores”, mesmo em meio à função de sustentação dos maiores (Domingos Nascimento, Nestor de Castro, Ricardo Lemos, Ismael Martins, Tiago Peixoto, Leite Junior, José Gelbecke, Aristides França e Adolfo Werneck), quanto mais os “poetas” militantes combativos como Júlio Pernetta, Euclides Bandeira e,

momentaneamente, João Itiberê (que levaram de forma mais acirrada o embate à Igreja, visto que muitos espaços até então ocupados pelos simbolistas passaram para as mãos do representantes da igreja católica, como no caso das cadeiras do Ginásio Paranaense e outros espaços significativos para manutenção financeira de parte dos literatos).

Contudo, Tarcisa destaca que ao defenderem amplamente o anticlericalismo como livres-pensadores, os simbolistas arregimentavam-se no anti-imigrantismo uma vez que ao mesmo tempo traziam seus elementos culturais e materiais, demarcavam identitariamente seus espaços através de valores religiosos, contrários ao ideário simbolista.

Ao se posicionarem abolicionistas, florianistas, republicanos, anticlericais e anti-imigrantistas, definiram e significaram o subcampo literário regional. Sublinhando o posicionamento do grupo acabaram demarcando o que deveria ser a mentalidade do “homem paranaense”. Posto que tal construção ocorresse de formas específicas no interior do grupo com mesclas de positivismo (alguns exerceram carreira militar – a exemplo de Emiliano Pernetta), de ocultismo, de helenismo, de decadentismo, de cientificismo, lançaram os fundamentos da identidade paranaense, a qual se daria por uma mescla do ibero-brasileiro com a população indígena (tema que também passa a ser apropriado, principalmente pelo grupo dos mais jovens - a defesa dos índios).

Quanto ao aspecto de edificação da mentalidade que refletisse o povo do Paraná, o financiamento por parte da elite local através de recursos financeiros, cargos públicos e disponibilidade de jornais para divulgação de seus princípios e obras que resvassem à construção do ideário paranaense, era a contrapartida relevante num momento em que se consolidavam as forças políticas daqueles que, de fato, dominavam o aparelho regional de Estado. Tópico que se reproduzia no campo econômico, pois ainda que não tivesse grande expressão na balança comercial de exportação como o café, a produção da erva-mate e todos os vínculos industriais, de inovações tecnológicas e comerciais a que estava ligada, tornava sua defesa como elemento fundamental da economia paranaense. Afinal, os setores madeireiros e os indicativos de industrialização mais efetiva estariam ligados, direta ou indiretamente, ao capital ervateiro. (OLIVEIRA, 2001)

Bega sinaliza que em todo processo de desenvolvimento e fortalecimento do simbolismo paranaense existiu uma espécie de mecanismo de divisão de trabalho, onde cada literato, de forma consciente ou não, desempenhou função específica no interior do grupo. Mesmo com o acirramento no combate ao clericalismo pode-se identificar uma espécie de divisão de tarefas em torno da

questão. Quando Júlio Pernetta e Euclides Bandeira se colocam no cenário com falas mais diretas e acirradas, é na figura de Dario Vellozo que se centraliza a disposição para o referido combate. O referido poeta visava ampliar a discussão para além do movimento simbolista e do combate via imprensa ao qual mobilizava as revistas de literatura em suas vertentes maçônicas, positivistas, enquanto a Igreja Católica se utilizou do jornal *A Estrela* para se posicionar no debate e externar seus pressupostos balizados pelas encíclicas *Quanta Cura e Syllabus Erro num*, de 1864. Em programa-manifesto publicado na revista *Esphynges* (maçônica) conclama os letrados, dessa forma buscando o apoio da elite, a se posicionarem favoráveis à defesa da Ciência e da Arte em relação ao dogmatismo catolicista, entranhado na sociedade brasileira desde o contexto imperial ao qual tinha como função manter o obscurantismo social. Para Tarcisa, pode-se identificar fases específicas e cronológicas nesse processo, como também particularidades em torno do ajustamento às propostas de lutas.

A narrativa é construída de forma enternecedora e envolvente, não deixa pesar a caneta para um dos lados de sua temática uma vez que articula, com a mesma força e singularidade os aspectos fundantes e as tensões do simbolismo paranaense e nacional. Aspecto também recorrente quando apresentada a trajetória de seus representantes, mesmo quando fala dos poetas “menores”, denominados de epílogos, focaliza a relevância de cada um para o fortalecimento e a longa duração do simbolismo no Paraná até aproximadamente os anos 1920 da Primeira República.

Toda obra mantém-se por olhar atento ao identificar as dimensões que envolvem o simbolismo no Paraná e sua particularidade: os poetas e suas respectivas biografias, as influências do movimento que partem da Europa e da capital brasileira (até então o *locus* da literatura nacional), a tensão entre os poetas e a imposição dos estilos, as posições e alterações ocorridas no interior do campo, as contradições contidas no movimento regional em meio as aspirações particulares, as relações e funções entre os poetas maiores e menores, as bases materiais refletidas nos meios de divulgação das ideias e posicionamentos, o papel dos mecenas e dos que se firmaram pelo jornalismo militante, além da apreciação que faz ao trazer para a análise os poemas e materiais de divulgação, principalmente as Revistas criadas pelo grupo (*Clube Curitibano, Cenaculo, Revista Azul, O sapo, A Penna, O Olho da Rua, Pallium, Acácia, A Esphynges, Galáxia*, entre outras).

Maria Tarcisa menciona na Introdução do livro que a publicação de seu trabalho acadêmico se deve a pressões de colegas de departamentos na UFPR e pesquisadores de várias instituições, estudiosos do tema, de amigos e alunos, os quais frequentemente solicitavam cópia do material.

Nós, leitores, com perspectivas acadêmicas ou não, agradecemos o fato da autora ter cedido à tais solicitações uma vez que a obra se torna uma fonte imprescindível: para o conhecimento do simbolismo no Brasil e sua manifesta vertente paranaense, para o entendimento do aprofundamento do jogo político que se instaura no Paraná no final do Império e início da República, consolidando suas interfaces em outros campos como o econômico, social e, sobretudo, o cultural. Os agentes sociais envolvidos no processo direta e indiretamente são incorporados por meio de suas expressivas biografias, para lançar mão da perspectiva bourdieusiana, são pensados e refletivos em meio às disputas e tensões que se colocam através das especificidades locais e nacionais do campo literário, conquanto às interações que ocorrem por meio da imprensa em seus diferentes formatos, a obra nos permite um mergulho no que era, efetivamente, Curitiba e o Paraná deste momento.

## REFERÊNCIAS

- GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. **Classe dominante e jogo político na Assembleia Legislativa do Paranaense (1889-1930)**. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFPR, Curitiba, 2008. 512 p.
- OLIVEIRA, R. **O silêncio dos vencedores**: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.